

IMPACTOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS/MÍDIAS DIGITAIS NAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO DE PESSOAS ANALFABETAS: UM ESTUDO DE CASO

IMPACTS OF NEW TECHNOLOGIES / DIGITAL MEDIA IN THE PRACTICES OF LETTERING PEOPLE ANALFABETAS: A CASE STUDY

Juliana Guedes Lima
Maria de Fátima Alves
UFPB

Resumo: A sociedade moderna abraça o uso das tecnologias e da vida digital, possibilitando aos indivíduos acesso informacional e maior interação com o meio social. O presente estudo, à luz de teorias do letramento social e digital (STREET, 2014, ROJO, 2009, COSCARELLI e RIBEIRO, 2005) busca refletir sobre os impactos que a mídia digital causa na inserção de indivíduos não alfabetizados em contextos de uso da língua(gem). A pesquisa, de abordagem qualitativa, trata-se de um estudo de caso de uma jovem diarista, não alfabetizada, inserida no letramento digital. A coleta de dados ocorreu mediante entrevista com a colaboradora da pesquisa e os resultados demonstram que sujeitos não alfabetizados fazem uso de práticas letradas através de ferramentas digitais que possibilitam a ressignificação da linguagem (oral ou escrita) fortalecida através do uso das redes sociais.

Palavras-Chave: Letramento. Redes Sociais. Mídia digital.

Abstract: *Modern society embraces the use of technologies and digital life, enabling individuals to access information and interact more with the social environment. The present study, in the light of social and digital literacy theories (STREET, 2014, ROJO, 2009, COSCARELLI and RIBEIRO, 2005) seeks to reflect on the impacts of digital media on the insertion of non-literate individuals in contexts of language use (gem). The research, with a qualitative approach, is a case study of a young, non-literate, diarist, inserted in the digital literacy. Data collection was carried out through an interview with the research collaborator and the results demonstrate that non literate subjects use literate practices through digital tools that allow the re-signification of the language (oral or written) strengthened through the use of social networks.*

Key Words: *Literature. Social networks. Digital media.*

INTRODUÇÃO

Há muitas pesquisas no Brasil que vêm discutindo a relevância das novas tecnologias, das mídias digitais, da inclusão digital nas escolas, do acesso às tecnologias da informação, na inserção dos professores no contexto digital para mudar suas práticas de ensino, mas, a nosso ver, há necessidade de discutirmos mais a importância das ferramentas digitais nas práticas de letramentos dos que não tiveram a chance de frequentar os bancos escolares, isto é, daqueles que compartilham informações através do celular e de outros dispositivos eletrônicos, sem domínio da capacidade de ler criticamente textos e de fazer uso da escrita convencional.

Os meios de comunicação modernos estão redesenhando as práticas sociais na atualidade e os tradicionais (o rádio, a televisão, o telefone, o jornal, a revista, o cinema, dentre outros) têm sofrido mudanças que impactam as relações sociais entre os indivíduos como também as relações destes com tais recursos.

Um dos meios de comunicação mais utilizados atualmente é a internet que interliga pessoas de todos os lugares a qualquer momento. A internet tem sido responsável por remodelar a maneira de utilizar os meios de comunicação, ou seja, telefones dão lugar a *smartphones*, televisores dão lugar a *smarttvs*, computadores dão lugar a *tablets* etc. Com apenas um aparelho o indivíduo tem acesso a informações, notícias, música, entretenimento basta que esteja conectado a internet.

As práticas sociais digitais são situações que envolvem a leitura e a escrita por meio da tecnologia que têm exercido forte domínio sobre os indivíduos conduzindo-os ao uso de ferramentas tecnológicas que promovem, a nosso ver, a igualdade de oportunidade a pessoas não alfabetizadas. O maior exemplo dessas ferramentas são as redes sociais. Franco (2010) citado por Araújo e Leffa (2016, p. 83) “alerta para o fato de que o que constitui as redes são as ações; ele enfatiza que as redes são ambientes de interação, não apenas de participação”. Trata-se de espaços sociais virtuais compostos por pessoas, conectadas por vários tipos de relações, que buscam e compartilham objetivos comuns de forma muito democrática.

É um espaço democrático no sentido de que não é um lugar exclusivo para pessoas alfabetizadas, que sabem ler e escrever. Os analfabetos passam a usar os sites de redes sociais como meio de investir na interação com seus pares, provocando um envolvimento com práticas de leitura e escrita. Tal processo social é chamado de letramento que considera os usos sociais da leitura e da escrita caracterizando-se como um processo que abrange o sujeito alfabetizado, e aquele que não é alfabetizado.

Neste sentido, o presente estudo promove uma reflexão, à luz principalmente dos estudos de Street (2014) sobre Letramentos Sociais, de Rojo (2009) sobre multiletramentos e de Xavier(2005) sobre letramento digital. De modo mais específico, busca refletir sobre o impacto que o letramento digital tem provocado para inserção de pessoa não alfabetizada em um contexto de uso da língua escrita em redes sociais.

Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva e se delinea como procedimento técnico o estudo de caso, que permite explorar e descrever acontecimentos que serão significativos para alcançar

os objetivos da pesquisa. O sujeito colaborador da pesquisa é uma diarista, de 45 anos de idade, não alfabetizada que faz uso frequente das redes sociais e que neste trabalho será denominada de Patrícia, um nome fictício para não revelar a identidade do sujeito da pesquisa.

Este trabalho está organizado em cinco seções, a saber: 1. Introdução; 2. Fundamentação teórica (Abordagens sobre o termo letramento); 3. Aspectos metodológicos, 4. Análise dos dados da pesquisa (Uso de práticas letradas/letramento digital por uma pessoa não alfabetizada); e, por fim, as Considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TERMO LETRAMENTO

O termo Letramento surge diante da necessidade de ampliação do conceito de alfabetização como mera codificação e decodificação. Além desses dois processos concebidos pela alfabetização, as novas práticas sociais envolvem processos mais complexos que não se restringem a ensinar/aprender a ler e escrever, como demonstra o seguinte fragmento de fala de uma pessoa não alfabetizada:

Me levantei, fiz o “cumê” dos meus filhos, ajeitei as coisas tudinho e fui embora. Sai de casa 7h30. Peguei o ônibus na pista perto da minha casa e fui pra integração. Chegando na integração eu perguntei a alguém qual era o ônibus que passava lá no trauma e alguém disse que era o 220. Por que dona Jaqueline disse assim pra mim: quando você chegar no trauma, você desce e vai e liga pra mim pra eu ir te buscar lá, eu moro depois do trauma. Quando eu cheguei lá eu não tinha crédito para ligar pra ela e não consegui ligar a cobrar. Como eu não sei ler, como era no J eu pensei que o nome dela era Juliana porque confundi com a senhora. Ela já tinha dito que era depois do trauma, lá em baixo, num condomínio, né? Depois, ai eu fui andando, quando cheguei lá eu não lembrava o nome de dona Jaqueline, então eu fui mostrei a foto dela que tem no meu whatsapp e ele se tocou que era Jaqueline, e eu com vergonha de dizer que não sei ler, né? (Patrícia, 45 anos).

O trecho acima produzido oralmente por uma pessoa analfabeta que não sabe ler nem escrever revela que, mesmo sem ela ser alfabetizada, consegue realizar agir no mundo mediante a linguagem, uma vez que pratica ações diversas graças ao domínio de práticas de letramento, entendidas como “modos culturais gerais de utilização do letramento aos quais as pessoas recorrem num evento letrado” (STREET, 2014, p.18) e de ferramentas tecnológicas. Mas como é possível alguém fazer uso das novas tecnologias sem ter se apropriado do sistema da escrita alfabética? Conforme resultados de pesquisas, a exemplo das de Leal e Albuquerque (2004), é possível sim. De certa forma, PS tem um conhecimento letrado e apresenta experiências diversificadas com a leitura e a escrita, quando, por exemplo, consegue ler uma placa com o itinerário de um ônibus e sabe qual seu trajeto, mostrar a foto do perfil a uma dada pessoa, no caso o porteiro do condomínio, a fim de identificar quem seria a interlocutora com a qual ela precisava falar. Isso é sim prática de letramento.

Um exemplo semelhante a esse, a nosso ver, são os personagens do filme Central do Brasil, Jesus de Paiva e Ana Fontenele, que são analfabetos, mas ditam cartas conforme suas intenções comu-

nicativas e o conhecimento que têm sobre a função social do gênero textual carta.

Diante do exposto, é importante fazermos uma reflexão sobre o que significa ser letrado e “não letrado”, antes de definirmos o que é letramento.

Letrado, segundo Soares (2002), seria um indivíduo que mesmo sem saber ler e escrever, pode ser assim considerado por viver em ambientes letrados e participar de práticas sociais de leitura e escrita no seu dia-dia, resolvendo problemas, interagindo com as pessoas, participando ativamente do seu meio social. Portanto, um indivíduo “analfabeto” pode ser letrado, uma vez que para participar de práticas sociais de leitura e de escrita, este não precisa, necessariamente, ter aprendido a codificar e decodificar. Por exemplo, estratégias como pedir para que alguém leia e redija uma mensagem no seu celular não o impede de fazer uso do aparelho, pegar um ônibus e se locomover de um lugar a outro, “ler” imagens nos rótulos das embalagens de produtos de limpeza faz com que este indivíduo saiba exatamente o que usar para cada tarefa diária.

Deste modo, não há que se falar em indivíduo “não letrado”, pois de acordo com Tfouni (1988) apud Santos (2005), “na nossa sociedade atual, não existe “grau zero”, mas “graus de letramento”. Em consonância com este pensamento Soares (2004, p. 92) acrescenta que “analfabetos podem ter um certo nível de letramento: não tendo adquirido a tecnologia da escrita, utilizam-se de quem a tem para fazer uso da leitura e da escrita”.

Rojo (2009), ao tratar das práticas de letramento em diferentes contextos afirma que as abordagens mais recentes dos letramentos, em especial, aquelas ligadas aos Novos Estudos do Letramento, tem apontado para a heterogeneidade das práticas sociais de leitura, escrita e uso da língua/linguagem, em geral, em sociedades letradas e tem insistido no caráter sócio-cultural e situado das práticas de letramento. Esta posição conforme a autora citada, respaldada em Street (2003) implica o reconhecimento dos múltiplos letramentos, que variam no tempo e no espaço, mas que são também contestados nas relações de poder. Os novos letramentos, segundo Rojo (op.cit, p. 102), não pressupõem coisa alguma como garantia aos letramentos e as práticas sociais com que se associam, problematizando aquilo que conta como letramento em qualquer tempo-espaço e interrogando-se sobre quais “letramentos” são dominantes e quais são marginalizados ou de resistência (ROJO, 2009).

Street (2014), na tentativa do entendimento da natureza do letramento e dos julgamentos e estereótipos das pessoas sobre o não letramento, mostra que mesmo os antropólogos afirmando que abandonaram a velha teoria social evolucionista, que diz que a sociedade está em um tipo de escala, - uns em nível superior e outros em nível inferior- um critério valorativo foi mantido em relação ao letramento. As pessoas são analfabetas, portanto seu processo cognitivo é inferior, seu desenvolvimento econômico é prejudicado, suas relações de gênero são pobres. Conforme a literatura teórica, basta dá alfabetização e tudo se resolverá. Para Street, não, porque segundo ele, esta visão está relacionada ao modelo autônomo de letramento que compreende tal letramento como uma coisa separada da cultura, uma coisa que teria efeito independentemente do contexto.

Concordamos com o autor acima citado porque entendemos que não deve haver uma polarização entre letrado e “não letrado” a ponto de disseminar uma discriminação em relação aos sujeitos que não tiveram a oportunidade de se apropriar de práticas de leitura e de escrita. Se não há “grau

zero” de letramento por que considerar as pessoas não alfabetizadas como sendo seres inferiores ou marginalizados?

MAS AFINAL O QUE SIGNIFICA LETRAMENTO?

Para Brito (2005), letramento é um processo que pode receber várias interpretações de acordo com o raciocínio adotado. Primeiramente a noção de processo supõe práticas sociais de uso da escrita e leitura e agentes formadores que definem os modos privilegiados do ensino da escrita e da cultura. A segunda noção supõe aquilo que uma pessoa é capaz de fazer com seus conhecimentos de escrita, em diferentes esferas sociais.

Para Soares (2004), o letramento tem sido considerado sob diferentes pontos de vista. Do ponto de vista antropológico, letramento são práticas sociais de leitura e de escrita e os valores atribuídos a essas práticas em determinada cultura. Do ponto de vista linguístico, a palavra letramento designa os aspectos da língua escrita que a diferenciam da língua oral. Do ponto de vista psicológico, letramento designa as habilidades cognitivas necessárias para compreender e produzir textos escritos. E sem esgotar os pontos de vistas possíveis, se a perspectiva é educacional, pedagógica, letramento designa as habilidades de leitura e escrita de crianças, jovens ou adultos, em práticas sociais que envolvem a língua escrita. É este o conceito de letramento, que segundo a autora, está presente nas práticas escolares em nosso país.

Para esta mesma autora (2004), é necessário conceituar Letramento a partir do conceito de alfabetização, na medida em que são conceitos frequentemente confundidos.

Pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia - a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimento, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento. (SOARES, 2004, p. 90).

O letramento conforme Street (2014) vai além das práticas escolares e contempla dois modelos diferentes: o modelo ideológico e o modelo autônomo. O modelo ideológico consiste em afastar a “visão dominante de letramento como uma habilidade ‘neutra’, ao contrário, trata-se de uma prática ideológica, envolvida em relações de poder” (p. 17). O modelo autônomo, por sua vez, “pressupõe uma única direção em que o desenvolvimento do letramento pode ser traçado e associa-o a “progresso”, “civilização”, liberdade individual e mobilidade social” (op.cit, 2014, p.44).

Como podemos observar não é simples definir claramente o que seja o termo letramento se não estiver vinculado a uma dada perspectiva teórica. No caso específico deste trabalho, comungamos com a perspectiva teórica dos novos estudos do letramento defendida por Street. É importante também ressaltar que no âmbito das discussões sobre letramento este termo é um conceito plural e que há vários tipos de letramentos: literário, acadêmico, digital, matemático, entre outros. Nessa pesquisa nos deteremos a discussões sobre letramento digital, tópico que será discutido a seguir.

LETRAMENTO DIGITAL

As práticas sociais de leitura e escrita em ambientes digitais (computador, *smartphones*, *tablets* e etc) configuram o que conhecemos por letramento digital. Xavier (2005), define este tipo de letramento como “uma prática cultural, sócio e historicamente estabelecida, que permite ao indivíduo apoderar-se das suas vantagens participando e decidindo, como cidadão, sobre os destinos da comunidade à qual pertence e as tradições e costumes com os quais se identifica”(p. 4).

O indivíduo que participa de situações que exigem um conjunto de habilidades para o uso da leitura e escrita que se distancia das formas tradicionais de letramento, pode ser chamado de Letrado digital, desde que se trate de situações que se utilize de ferramentas tecnológicas, como podemos ver por meio de Xavier (2005) “A competência para usar os equipamentos digitais com desenvoltura permite ao aprendiz contemporâneo a possibilidade de reinventar seu dia a dia, bem como estabelece novas formas de ação que se revelam em práticas sociais específicas e em modos diferentes de utilização da linguagem (XAVIER, 2005 p. 3). Para esse mesmo autor, “O letramento digital requer que o sujeito assuma uma nova maneira de realizar as atividades de leitura e escrita, que pedem diferentes abordagens pedagógicas que ultrapassam os limites das instituições de ensino em vários aspectos, tais como: velocidade do próprio ato de aprender; gerenciar e compartilhar informações; verificação online, pela internet, da autenticidade das informações apresentadas, com condição de comprovar ou corrigir os dados exposto virtualmente no site; ampliação do dimensionamento da significação das palavras, imagens e sons por onde chegam as informações a serem processadas na mente do aprendiz.”

Para Dudeney (2016) letramentos digitais são “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente de comunicação digital”.

O conceito acima apresentado nos faz refletir sobre as ações do sujeito colaborador da pesquisa no sentido de interagir e compartilhar informações graças aos usos da comunicação digital. As redes sociais, conforme discussões, do autor acima citado transforma usuários comuns da internet, de consumidores passivos de informação, em colaboradores ativos de uma cultura partilhada.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O contexto analisado refere-se a um estudo de caso de uma jovem diarista, não alfabetizada, mas inserida no mundo do letramento digital. Trata-se de pesquisa de natureza descritiva, para isso se delinea como procedimento técnico que permite explorar e descrever acontecimentos que serão significativos para alcançar os objetivos da pesquisa. Escolhemos este procedimento por ser considerado o “delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos” (GIL, 2002). A coleta de dados ocorreu mediante entrevista com questionário semi-estruturado e com abordagem qualitativa das informações.

A diarista Patrícia tem 45 anos, é casada há 26 anos e tem 6 filhos, mora numa comunidade chamada Porteira de pedra, localizada na divisa entre o município de Campina Grande (PB) e Santa

Terezinha (PB), frequentou a escola até a 1ª série, mas não conseguiu aprender a ler e escrever, conhece apenas algumas letras do alfabeto. No seu dia a dia faz uso das tecnologias ligadas à internet, principalmente do site de rede social *facebook* e do aplicativo de mensagens *whatsApp*. Como isso é possível? Apresentaremos a seguir a análise da entrevista concedida por ela para melhor compreendermos como essa utilização acontece.

O USO DAS REDES SOCIAIS POR UMA PESSOA NÃO ALFABETIZADA

Nesta parte do trabalho, nós vamos analisar a entrevista com a participante da pesquisa sobre o processo de apropriação do uso da internet. Foram feitas oito perguntas a entrevistada tentando atingir o objetivo principal da presente pesquisa: refletir sobre o impacto que o letramento digital/uso de ferramentas tecnológicas tem provocado para inserção de pessoa não alfabetizada em um contexto de uso da língua escrita em redes sociais.

Ao ser indagada sobre o uso das redes sociais (Você utiliza redes sociais?), Patrícia respondeu afirmativamente dizendo que usa as redes sociais mediante a ajuda das pessoas com quem ela convive e solicita o uso de áudios conforme ilustra a resposta a seguir:

“Assim, ou eu peço ajuda a alguém ou eu falo no microfone do celular. E já vai a resposta do que eu quero. E peço pra o povo falar do mesmo jeito que eu falo que é para eu poder entender”.

O excerto acima revela que Patrícia faz uso de novas ferramentas tecnológicas para interagir com as pessoas que convivem em seu meio, compartilhando conhecimentos. “O letramento digital requer que o sujeito assuma uma nova maneira de realizar atividades de leitura e de escrita que ultrapassem as práticas tradicionais de alfabetização” (XAVIER, 2005, p. 2).

O trecho de fala acima também demonstra a importância do recurso do áudio para a interação social. O que mostra que mesmo sem ser alfabetizada, Patrícia usa estratégias que possibilitam a comunicação com os seus interlocutores que se configura como uma prática de letramento. De acordo com Rojo (2009), há possibilidade das pessoas serem escolarizadas e analfabetas, mas que, de certa forma, participam de práticas de letramento.

Em outra pergunta relacionada às pessoas com quem Patrícia interage no *whatsApp* e *facebook* (Quem são as pessoas com quem você mais interage nas redes sociais?), ela respondeu que com amigos e amigas e também evidenciou que posta “*as coisas que acha bonita*”, conforme demonstra com maior precisão o trecho a seguir: “As vezes o povo envia pra mim uma coisa bonita e eu envio para outra pessoa que eu acho que essa pessoa vai gostar, entendeu?”

Nesse caso, observamos que para que Patrícia interaja com seus contatos, via *facebook*, não é necessário que ela saiba ler ou escrever, ela faz a “leitura” da imagem e deduz que, por esta ser “bonita”, vai agradar ao seu interlocutor e portanto, encaminha para ele. O que caracteriza o letramento não é a capacidade de codificar ou decodificar, mas de conseguir fazer uso de estratégias que possibilitem interagir por meio da linguagem com objetivos bem determinados em contextos específicos de comunicação. Conforme ressalta Xavier (2005) a capacidade de enxergar além dos limites do código, fazer relações com informações fora do texto falado ou escrito e vinculá-las a sua realidade sócio-histórica

são características de um indivíduo letrado (p. 2).

Sobre as postagens nas redes sociais foi feita a seguinte pergunta à diarista: “É você mesmo quem faz as postagens na sua página ou pede para alguém? Quando você quer escrever alguma coisa de como está se sentindo?” Como resposta Patrícia diz: “Eu mesmo escrevo. Até que eu... assim, eu poderia falar no áudio e poderia escrever, mas o povo ia usar o mesmo método que eu aí eu não teria como ler. Então melhor falar na voz que é só apertar e sair, né?”.

A resposta acima nos faz ver que de forma sábia ela solicita que o seu interlocutor faça uso do mesmo recurso que ela utiliza, no caso, o áudio já que ela não sabe escrever. Entretanto, não sabemos se, por um equívoco ou porque ela considera que postar é uma forma de escrita, afirma que ela mesma escreve. Essa passagem nos leva a pensar em cenas de Central do Brasil onde os personagens fazem uso de práticas letradas de escrita sem serem alfabetizados, conforme ilustra análises presentes no texto de Morais e Albuquerque (2004).

Também foi perguntado a Patrícia sobre o acompanhamento das interlocuções nas redes sociais através do seguinte questionamento: Você acompanha as respostas ou comentários que fazem sobre suas postagens? De que forma? Respondendo a essa indagação Patrícia dá a seguinte resposta:

sim, aí alguém sempre vê e comenta comigo: Rapaz assim, assim, assim! Entendeu? Às vezes aparece assim, antigamente era mais difícil porque o povo curtia uma foto minha lá no face que eu nem lembrava que tinha aquela foto. Aí eu digo: oxente, por que essa foto apareceu? Que eu não tenho a resposta porque eu não sei ler, né? Aí o povo diz: nada, foi alguém que curtiu.

A fala de Patrícia demonstra que, embora, ela acompanhe os comentários a partir das postagens feitas, em alguns momentos, ela fica confusa quando vê uma notificação e obviamente não consegue codificar porque não tem o domínio da escrita convencional e recorre a parente que tenham tal domínio. A partir do momento que ela se interessa que outros façam a leitura de suas mensagens no aplicativo ou notificações na rede social, está fazendo uso da escrita, está envolvendo-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

Ainda fizemos outros questionamentos a colaboradora sobre a importância do processo de apropriação do uso das redes sociais, a exemplo de: Qual a importância das redes sociais na sua vida? Qual a importância de você ter whatsAppe facebook? Alguma coisa mudou no seu convívio depois que você passou a fazer uso das novas tecnologias? Em resposta a esse primeiro questionamento, Patrícia falou:

Porque na rede social, na internet, eu conheço amigo de fora, de São Paulo que a gente bate papo, entendeu? E assim, como eu não sei ler, tem hora que complica. Mas agora até o mensageiro tem no celular que você aperta e já liga, já fala com a pessoa do outro lado do mundo, num é? E até ver, né? Então, para mim, pense numa coisa boa da vida. É tanto que eu conheci um amigo pelo face que é um amigo que com amizade dele, ele é meu moto táxi, me leva pra o serviço, me traz. Quando eu preciso dele, ele me empresta o cartão e a gente somos muito amigos. Eu conto com ele mais do que com a minha família por que quando eu preciso dele, ele tá ali.

A fala acima elucidada a sua participação efetiva em uma prática de letramento que conforme Xavier (2005, p. 6) “são as formas culturais pelas quais os indivíduos organizam, administram e realizam suas ações e atitudes esperadas em cada um dos diversos eventos de letramento existentes na sociedade”.

Sobre o questionamento, referente à relevância do acesso ao *facebook* e *whatsApp*, ela se expressou da seguinte forma: “é você poder participar das coisas, né? do povo, das amigas, dos amigos. É como se fosse uma vida, né? Porque, às vezes, alguém fala uma coisa pra você. Diz: fulana, eu tou triste, assim, assim. Ai você: fulana, por quê? É as coisas que a gente luta com ele e não consegue viver sem, né não?”

Quanto à importância específica acerca do acesso ao *whatsApp* e *facebook*, PS ressalta a participação “nas coisas” que certamente significa uma forma de transitar livremente pela sociedade, de interagir com as pessoas, de agir no mundo, de compartilhar sentimentos, de resolver problemas, uma forma de inclusão.

E, por último, a informante deu a seguinte resposta: “Mudou. Meu marido não gosta. Ele não tem. Eu digo a ele: abra um pra você. Eu não ligo não, pode abrir. Ai ele diz: Não, eu não gosto disso não! Aí é um problema porque eu não consigo ficar sem.”

Ser letrado digital, segundo Coscarelli (2005) e Ribeiro (2013), implica saber se comunicar em diferentes situações, com propósitos variados, nesses ambientes, para fins pessoais ou profissionais. Uma situação seria a troca eletrônica de mensagens, via *e-mail*, sms, *WhatsApp*. Algo curioso que merece destaque na fala de PS é o fato dela valorizar o uso das ferramentas tecnológicas como algo crucial na sua vida a ponto de dizer que “não consegue viver sem”. Nota-se que a utilização dessas ferramentas tecnológicas, por parte da diarista, já são tão corriqueiras no seu cotidiano que ela já dominou um conjunto de informações e habilidades mentais necessárias para interagir como essas ferramentas, tornando esse uso comum e indispensável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou uma reflexão acerca de uma realidade atual que é o uso das práticas de letramentos digitais por pessoas não alfabetizadas. Apresentando um caso de uma pessoa que não conhece a escrita, entretanto consegue de maneira muito confortável interagir com as pessoas que sabem ler e escrever. O fato de não ser alfabetizada não impede que PS faça uso das facilidades e opções de entretenimento que o uso da internet no aparelho celular oferecem aos seus usuários.

A análise dos dados do presente artigo revela que um sujeito não alfabetizado pode fazer uso de práticas letradas através de ferramentas digitais, como foi o caso de PS que de certa forma consegue sair de uma situação de exclusão social e se inserir na comunidade do letramento digital, como uma forma de interagir no mundo e de agir sobre ele.

Isso aponta para o fato de que uma ressignificação da língua (oral ou escrita) pode ser fortalecida através do uso das redes sociais, presente no contexto onde o sujeito está naturalmente inserido. Assim, concebe-se o letramento digital como possibilidade significativa de diminuição das desigualdades sociais, educacionais e culturais.

Os resultados mostram que devemos valorizar não só um tipo de letramento, o escolarizado, mas também os demais letramentos que ocorrem na sociedade vinculados, por exemplo, aos letramentos sociais defendidos por Street (2014) como uma prática que inclui cultura, ideologia e poder.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. *A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P. 59-76.
- ARAÚJO, Julio e LEFFA, Vilson (orgs). *Redessociais ensinodelíngua: oquetemosdeaprender?* 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- BARTON, David e LEE, Carmen. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução Milton Camargo Mota. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRIAN, Street. *Letramentos Sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Letramento e Alfabetização: implicações para a educação infantil. In: FARIA, Ana Lucia G. de e MELLO, Suely Amaral (orgs.). *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. P. 05-21.
- COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). *Letramento digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autentica, 2005.
- GIL, Antônio. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- SOARES, Magda. Práticas de Letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. IN: MARINHO, Marildes, CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs.). *Cultura escrita e Letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. P. 54 – 67.
- RIBEIRO, A. E.; NOVAIS, A. E.(Orgs.). *Letramento digital em 15 cliques*. Belo Horizonte: RHJ, 2013.
- SANTOS, IvaAutina Cavalcante Lima. *Letramento digital de analfabetos por intermédio do uso da Internet*. Campinas, SP: [s.n.], 2005.
- SOARES, Magda. Letramento e escolarização. RIBEIRO, Vera Masagai (org.). *Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001*. 2 ed. São Paulo: Global, 2004. P. 89-113.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. P. 95-121.
- XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento Digital e Ensino. In: Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. (Org.). *Alfabetização e Letramento: conceitos e relações*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Juliana Guedes Lima

Possui graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (2009), é graduada no curso de Direito na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (2017). Atualmente é mestranda no programa de pós-graduação - POSLE, na Universidade Federal de Campina Grande. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente no seguinte tema: Gêneros textuais, produção de textos, gênero resumo escolar.

Maria de Fátima Alves

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1988), mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1999) e doutorado pela Universidade Federal de Pernambuco (2005). Atualmente é professora adjunto I da Universidade Federal de Campina Grande. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: aprendizagem, interação e ensino, leitura, léxico, gêneros textuais e formação docente

Enviado em 10/03/2018.

Aceito em 10/04/2018.